UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

FERNANDO MANUEL MURGEIRO FREITAS

2007034060

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA GUIA JUNTO DA TURMA DO 12º B NO ANO LETIVO 2011/2012

A DEMONSTRAÇÃO

Coimbra 2012

FERNANDO MANUEL MURGEIRO FREITAS

2007034060

Relatório Final de Estágio Pedagógico

Relatório Final de Estágio Pedagógico apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre

Orientador: Prof. Doutor Alain Massart

Coorientador: Prof. Carlos Aveiro

DECLARAÇÃO DE ORIGINALIDADE

Eu, Fernando Manuel Murgeiro Freitas, aluno n.º 2007034060 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea do artigo 3.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF-UC.

COIMBRA

julho de 2012

Esta obra deve ser citada como:

FREITAS, F. (2012). Relatório Final de Estágio. Estágio Pedagógico realizado no Agrupamento de Escolas da Guia. FCDEF-UC. Coimbra

RESUMO

O presente relatório pretende apresentar uma descrição e uma análise do Estágio Pedagógico, realizado no Agrupamento de Escolas da Guia, no ano letivo 2011/2012, incluído no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

Assim, em primeiro lugar, descrevo e analiso de forma sistematizada os aspetos inerentes à realização do Estágio Pedagógico. Assim, após a apresentação das expetativas iniciais e das realidades físicas e humanas da escola da Guia, descrevem-se as atividades próprias (presentes no planeamento, concretização e avaliação) do processo de ensino-aprendizagem. Ao terminar esta parte, no âmbito da componente ético-profissional, indico os valores e princípios que estiveram, e estão, presentes na minha vida de docente.

Seguidamente, é feita uma reflexão crítica sobre o ano de estágio e, principalmente, sobre as minhas vivências como estagiário. Das reflexões apresentadas, destaco as "aprendizagens realizadas pelo estagiário" e as "dificuldades sentidas e formas de resolução", pois não as deverei esquecer no meu futuro.

Por fim, apresento o tema "A demonstração", relacionado com a dimensão pedagógica. Aí, após o seu enquadramento teórico, descrevo a pertinência da sua utilização ao longo do ano que passou e concluo ser imprescindível nas aulas de Educação Física.

A experiência do estágio foi enriquecedora ao nível do desenvolvimento da minha formação como docente, como educador e como Homem.

ABSTRACT

This report tries to present a description and an analysis of the Teaching Practice, held in Agrupamento de Escolas da Guia in 2011 / 2012, included in the second year of the Master's Degree in the Teaching of Physical Education of Primary and Secondary School of the Faculty of Sciences of the Sport and Physical Education of the University of Coimbra (FCDEF-UC).

In first place, I describe and analyze in a systematized way the aspects related to the Teaching Practice. This way, after the presentation of the initial expectations and the physical and human reality of the school of Guia, I describe the activities (presented in the planning, realization and evaluation) of the process teaching / learning. At the end of this part, in the ethical-professional area, I indicate the values and principles that have been, and are, present in my life as a teacher.

Next, there is a critical reflection about the teaching practice and especially about my experiences as a trainee teacher. I emphasize the following reflections "learning experience of the trainee teacher" and "the difficulties felt and the ways of solving them" because I shouldn't forget them in the future.

Finally, I present the theme "Demonstration" related to the pedagogical dimension. After its theoretical integration, I describe the relevance of its use through this year and I conclude that it is indispensable in the Physical Education classes.

The experience as a trainee teacher was enriching in the development of my formation as a teacher, as an educator and as a Human Being.

ÍNDICE

RESUMO **3**

ABSTRACT **4**

1. INTRODUÇÃO **7**

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA 8

2.1 Expetativas e opções iniciais 8

2.2 Realidade escolar 9

2.3 Professores orientadores de Estágio 10

2.4 Núcleo de estágio 11

2.5 Grupo disciplinar de Educação Física 11

2.6 Direção da escola 12

2.7 A turma 12

2.8 Planeamento 12

2.9 Plano Anual 13

2.10 Unidades didáticas 14

2.11 Plano de aula 15

2.12 Realização 15

2.13 Decisões de ajustamentos 19

2.14 Estilos de ensino 20

2.15 Avaliação 21

2.16 Componente ético-profissional. 22

3. REFLEXÃO 24

3.1 Aprendizagens realizadas como estagiário 24

3.2 Compromisso com as aprendizagens dos alunos 25

3.3 Inovação nas práticas pedagógicas 26

3.4 Dificuldades sentidas e formas de resolução 27

3.5 Dificuldades a resolver no futuro 28

3.6 Capacidades de iniciativa e responsabilidade 29

3.7 Importância do trabalho individual e de grupo 30

3.8 Questões dilemáticas 30

3.9 Experiência formal e profissional do ano de estágio 31

4. TEMA – A DEMONSTRAÇÃO 33

4.1 Enquadramento teórico 33

4.2 Utilização em contexto da aula 35

4.3 Reflexão da sua pertinência..... 36

5. CONCLUSÃO 37

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 38

1. INTRODUÇÃO

Ao longo deste ano letivo, desenvolvi a última etapa – Estágio Pedagógico - da minha formação, inserida no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

No início do ano letivo, apresentei-me no Agrupamento de Escolas da Guia, juntamente com duas estagiárias, e aí iniciei uma longa caminhada com a lecionação a uma turma do 12.º ano de escolaridade do ensino regular.

Este documento sistematiza e analisa todo o trabalho desenvolvido durante o estágio, que pôs na prática os conteúdos e conhecimentos adquiridos ao longo do primeiro ano deste mestrado.

Este relatório visa descrever, refletir e analisar todas as tarefas e atividades definidas e realizadas, tanto individualmente como em grupo. As expetativas iniciais, a realidade escolar, o planeamento, a realização, a avaliação, a componente ético-profissional e as reflexões sobre as várias dificuldades e inovações ocorridas ao longo deste estágio pedagógico são também apresentados neste documento final, bem como uma reflexão sobre um tema – a dimensão da demonstração – e a sua aplicação na prática pedagógica.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA

2.1 Expetativas e opções iniciais

As primeiras expetativas que me rodearam foram: por um lado, a forma como iria desenvolver as minhas capacidades adquiridas, e, por outro, a minha adaptação a uma realidade nova, treze anos após a realização do estágio pedagógico inserido na licenciatura do curso de professor do ensino básico - variante Educação Física. Apesar de lecionar a disciplina num estabelecimento de ensino particular, sabia que este desafio me levaria a novos conhecimentos e a uma nova realidade.

Adaptar os meus horários às necessidades do meu papel de professor estagiário foi uma dificuldade que ultrapassei com a ajuda do diretor da minha escola, das minhas colegas estagiárias e do professor orientador da Guia.

Estas inquietações não perturbaram a minha vontade e a minha necessidade de melhorar e crescer como docente e homem, tendo procurado neste mestrado uma porta para a obtenção de novos hábitos e conhecimentos.

A motivação pessoal para a aquisição de novos saberes, aprendizagens, e para a realização de novos projetos e atividades foi determinante para ultrapassar os meus receios em relação à participação efetiva numa nova comunidade escolar, com alunos de uma faixa etária muito mais velha do que aquela que estava habituado a lecionar e com um professor orientador que teria de conhecer ao longo do tempo.

O estágio pedagógico obriga a um trabalho constante e diário, que fui enfrentando com empenho e com a ajuda das pessoas que comigo foram partilhando este ano de novos desafios.

Após o conhecimento de todos os elementos (professor orientador, estagiários e alunos) tracei os objetivos a atingir pessoalmente:

– Desenvolver novos conhecimentos sobre as didáticas de Educação Física para o ensino secundário.

– Desenvolver as ações relacionadas com as dimensões pedagógicas (instrução, gestão, clima e disciplina).

– Criar uma empatia, facilitadora para a consecução das tarefas a realizar, com todos os elementos da comunidade escolar.

Um desafio aliciante, que me permitiu concretizar os meus objetivos e opções, foi a partilha de ideias, experiências e observações.

Desde logo, a análise da turma que me foi atribuída – do 12.º ano e com um número reduzido de alunos (doze) – levou-me a uma reflexão sobre a forma de planeamento que teria de utilizar. Algumas unidades didáticas poderiam criar uma desmotivação nos alunos, obrigando-me a diversificar as tarefas, o que nem sempre seria positivo.

A forma como os alunos me iriam encarar e que tipo de relação conseguiria alcançar criaram também em mim expetativa, sabendo que me teria de ajustar em caso de dificuldade nos relacionamentos.

Porém, depois de ter recolhido informações junto do professor orientador, fiquei mais tranquilo, já que, segundo ele, os alunos demonstrariam atitude e empenho bastante positivos, contrariando as minhas expetativas um pouco receosas.

2.2 Realidade escolar

Aquando da minha apresentação no Agrupamento de Escolas da Guia, além do professor orientador, considerei fundamental conhecer a realidade da escola onde iria lecionar durante o ano letivo 2011-2012.

A escola está inserida numa pequena vila do concelho de Pombal, Guia, com cerca de 2 650 habitantes e abrange uma área de 37,91 km^2. A escola recebe alunos das freguesias vizinhas: Carriço, Ilha, Mata Mourisca, Bajouca e Monte Redondo. Sendo uma zona predominantemente rural, a maioria dos alunos desloca-se para a escola em autocarros da rede rodoviária.

A oferta escolar é do 5.º ao 12.º anos, incluindo cursos profissionais e cursos de educação e formação, em diversas áreas.

Este agrupamento tem agregado a rede de escolas do 1.º ciclo da zona Este do concelho de Pombal.

Ao nível de instalações desportivas, posso referir que as condições são boas para um bom desenvolvimento das atividades curriculares de Educação Física. Um pavilhão gimnodesportivo com uma sala de ginástica anexa, dois recintos exteriores para a prática de vários desportos coletivos, material diverso para uso no recinto coberto e material diverso para uso no exterior são as valências que permitem um desempenho motivador aos docentes desta escola. Estas condições materiais permitem um bom desenvolvimento motor dos alunos.

2.3 Professores orientadores de Estágio

O professor Carlos Aveiro contribuiu significativamente, ao longo deste ano, para o meu crescimento, quer pessoal quer profissional. O professor esteve sempre presente no esclarecimento de dúvidas, na partilha de material, no apoio constante com feedbacks pertinentes, após a observação das aulas, para a melhoria da minha atuação.

A sua competência e profissionalismo foram fatores fundamentais para, no final de cada aula, fornecer as apreciações relevantes, positivas e negativas, originando em mim o desejo de evolução constante.

A sua disponibilidade absoluta foi outro fator crucial para o meu desenvolvimento como futuro docente, já que o percebi como fundamental na postura de um profissional.

O professor doutor Alain Massart, orientador da FCDEF-UC, assistiu e observou, ao longo do ano, várias aulas. No final de cada uma delas, revestiram-se de grande utilidade e ajuda todas as observações por si dadas, contribuindo para a melhoria do meu desempenho. As suas ideias e os seus conhecimentos tiveram pertinência constante.

De facto, a ajuda dos dois professores orientadores, cada um no seu tempo devido, foi decisiva para a minha evolução e melhoria no que respeita aos objetivos a atingir no final deste estágio.

2.4 Núcleo de estágio

O núcleo foi constituído por duas estagiárias e por mim, que já lecionava há vários anos, num estabelecimento de ensino particular.

Desde a primeira hora, conseguimos, apesar do pouco conhecimento mútuo, chegar a consenso. Apesar de ideias e pensamentos distintos em algumas situações, fomos dialogando por forma a conseguir ultrapassar pontos que nos separavam. A entreajuda e a troca de informações foram constantes, apesar da diferença no nível de ensino que os estagiários lecionavam.

Relativamente às reuniões, estas tiveram sempre o intuito da evolução do processo de cada um, atendendo-se sempre às observações e feedbacks que se forneceram uns aos outros.

Ao longo do ano, criou-se e desenvolveu-se uma relação de amizade que permitiu ultrapassar os obstáculos e problemas que foram surgindo.

2.5 Grupo disciplinar de Educação Física

O grupo disciplinar de Educação Física era constituído por dois professores do quadro, para o 2.º ciclo, e cinco professores (três do quadro + dois contratados), para o 3.º ciclo e secundário.

Desde do primeiro dia que senti recetividade total por parte de todos os professores e disponibilidade para ajudar e partilhar opiniões com o intuito de melhorar o desempenho dos estagiários. Sempre que houve necessidade de alterar planificações, a atitude foi sempre de cooperação e entreajuda, com o objetivo de se poder retirar o máximo proveito das condições materiais que a escola oferecia.

Ao nível da participação nas atividades realizadas pelo núcleo de estagiários, sempre que solicitados, os professores do grupo disciplinar acederam a ajudar nas tarefas propostas.

2.6 Direção da escola

A direção da escola esteve sempre disponível e foi colaborante, auxiliando em tudo o que foi necessário e colaborando nas atividades desenvolvidas pelo núcleo de estágio.

2.7 A turma

Devido à minha situação profissional e à necessidade de conjugar os horários do núcleo de estágio, foi-me destinada uma turma do 12.º ano do ensino regular, composta por 12 alunos, sendo 7 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

A grande maioria, como constatei, no início, com a caraterização da turma, tinha praticado ou praticava uma atividade física desportiva fora da escola. Essa situação permitiu-me perceber que a maioria tinha as capacidades motoras e físicas propícias à realização de um bom trabalho de ensino/aprendizagem, nas diversas modalidades, havendo uma franca probabilidade de evolução e consecução dos objetivos delineados.

O número reduzido de alunos originou uma aproximação mais natural dos alunos ao longo do ano. No entanto, numa fase inicial de observação dos seus comportamentos, independentemente das informações iniciais, fui mantendo algum distanciamento que fui quebrando com o avançar das aulas.

2.8 Planeamento

O planeamento é a base fundamental de toda a atividade ou trabalho que se pretende realizar ao longo de um ano letivo. É fundamental, porque permite definir, orientar e adaptar todas as situações às caraterísticas dos alunos, do grupo turma, da realidade escolar e seguir as orientações programáticas definidas pelo grupo disciplinar de Educação Física.

O seu rigor não se deve sobrepor às necessidades de maleabilidade que estes documentos devem ter, possibilitando sempre reajustes pontuais.

Após a distribuição das respetivas turmas pelos professores estagiários, na primeira reunião, foram entregues pelo professor orientador todos os documentos

necessários para iniciar a preparação e planificação do ano letivo: os critérios de avaliação, o Regulamento Interno do Agrupamento, o mapa de rotação, os conteúdos programáticos das matérias a lecionar e o inventário do material.

Com base nestes documentos e nas informações dadas pelo professor orientador, iniciei a elaboração de vários documentos importantes para a estruturação do ano letivo.

2.9 Plano Anual

O primeiro documento que comecei a elaborar foi o plano anual. Com base nos conteúdos programáticos das matérias a lecionar, na análise da avaliação diagnóstica, no número de alunos e nos espaços a utilizar, conforme a rotação predefinida pelo grupo disciplinar, defini o tipo de planificação a usar, as sequências das matérias e o número de aulas a dedicar a cada um delas.

Assim, defini os objetivos do planeamento anual, que de seguida se indicam:

- Orientar o Processo de Ensino e de Aprendizagem, estabelecendo uma sequência lógica de atuação por parte do Professor.
- Definir as linhas orientadoras de todo o Processo de Ensino e de Aprendizagem da turma, durante todo o ano letivo.
- Tomar conhecimento, de forma minuciosa, dos Programas Nacionais de Educação Física e da legislação relacionada com a área.
- Conhecer a Escola e o seu meio envolvente, assim como a Comunidade Educativa.
- Conhecer os elementos, a forma de trabalhar e o Regulamento do Departamento de Educação Física.
- Conhecer os recursos materiais e espaciais disponíveis na Escola para a prática da Educação Física.
- Conhecer as matérias selecionadas pelo Departamento para os respetivos anos escolares e a sua distribuição, quer no tempo quer nos espaços.
- Estabelecer os objetivos, por matéria, a alcançar pelos alunos.
- Verificar e controlar as planificações (longo, médio e curto prazo).

- Conhecer, de forma detalhada, os alunos da turma nos três domínios (sócio-afetivo, cognitivo e psicomotor).

Apesar da análise da avaliação diagnóstica só possível realizar após as três primeiras semanas de aulas, devido às determinações do grupo disciplinar, a planificação foi executada e adaptada em função dos resultados nela obtidos. Nesse planeamento defini, ainda, os objetivos gerais e específicos a atingir pelos alunos em cada matéria.

2.10 Unidades didáticas

O processo de ensino/aprendizagem deve basear-se num documento que contenha as informações pertinentes para o desenvolvimento de um trabalho sustentado com a turma, visando progredir para competências superiores em relação às inicialmente verificadas.

Nestes documentos incluí, para cada modalidade: uma resenha histórica, as características, as principais regras, as ações técnicas e táticas com as respetivas componentes críticas, as progressões pedagógicas, os recursos espaciais e materiais, os objetivos definidos para os alunos ou grupos de alunos, a extensão e sequencialização de conteúdos, os critérios de avaliação definidos pelo grupo disciplinar e as estratégias a utilizar para as dimensões pedagógicas.

Em relação à construção das unidades didáticas, tive de o fazer individualmente, dado as minhas colegas estagiárias terem ficado com duas turmas do 9.º ano, do terceiro ciclo, o que dificultou a troca de informações, já que as matérias a lecionar nem sempre eram correspondentes.

Ultrapassei esta situação com a análise do Programa Nacional de Educação Física, de diversas literaturas específicas de cada modalidade e de unidades didáticas já existentes.

Ao longo do ano, e devido à escolha de uma planificação multidisciplinar, fui adaptando, nas unidades didáticas, os objetivos, consoante os níveis iniciais dos alunos, definidos na avaliação diagnóstica, e as informações diárias sobre o desenvolvimento dos alunos as tarefas propostas.

2.11 Plano de aula

"Um bom planeamento de aula trará uma maior possibilidade de assimilação na aprendizagem; máxima participação dos alunos e individualização do ensino. Trará igualmente o desenvolvimento de um bom clima de aula e boa dinâmica geral". Bañuelos (1992).

O plano de aula é a descrição de todas as tarefas a executar no processo de ensino/aprendizagem.

O núcleo de estágio, com o apoio do professor orientador, elaborou um plano de aula conjunto. Este foi composto por um cabeçalho, com a informação referente aos aspetos temporais descritivos das unidades didáticas, e aos objetivos da aula.

Em relação ao corpo do plano, este foi divido em três partes:

– a parte inicial, onde se apresentavam os objetivos e conteúdos a abordar durante a aula, bem como as tarefas para o aquecimento;

– a parte fundamental, na qual eram apresentados os objetivos específicos de cada tarefa, a forma de execução das mesmas e os critérios de êxito/componentes críticas;

– a parte final, onde se destacava o retorno à calma, à revisão dos conteúdos dados, à preparação da aula seguinte e às atividades de higiene pessoal.

O plano continha ainda as informações referentes aos tempos de duração de cada tarefa e os estilos de ensino utilizados da aula.

Na elaboração do plano para cada aula, tive em consideração a extensão dos conteúdos programados, mesmo que nalgumas aulas os ajustamentos fossem uma realidade para potenciar um melhor desempenho motor e uma maior motivação dos alunos.

2.12 Realização

São vários os fatores que influenciam a concretização de todo o planeamento feito.

O conhecimento dos alunos e os seus comportamentos foram uma das minhas primeiras preocupações. Como iriam agir e reagir perante um estagiário, apesar da observação do professor orientador? Apesar da idade dos alunos, o controlo da turma foi um aspeto fundamental para o bom desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem, que viria a ser facilitado pelo número reduzido de alunos. Ao longo do ano, a aproximação e a empatia com a maioria dos alunos foi crescendo, tanto por eles perceberem a minha postura com as rotinas e regras de aula de que não abdicava, tanto por mim que fui interiorizando os seus comportamentos e atitudes por forma a uma adaptação mútua.

Ao longo do ano, utilizei uma dinâmica de rotinas que os alunos foram respeitando e cumprindo. Essas rotinas visaram a melhoria da gestão do tempo de aula, como forma de poder atingir os objetivos propostos com um aumento de tempo de empenhamento motor, como refere Piéron (1996), *"O tempo de empenhamento motor apresenta muitas vezes correlações positivas com as aquisições motoras, é desejável aumentá-lo durante a sessão de atividades físicas"*.

Em relação às tarefas propostas para o desenvolvimento motor dos alunos nas diversas matérias, foi minha preocupação constante desenvolvê-las com elevados interesses e caraterísticas motivadoras, devido ao número reduzido de alunos, aos grupos de níveis criados em função da avaliação diagnóstica e à necessidade do planeamento multidisciplinar que originou a rotação pelos diversos períodos das mesmas modalidades.

Os objetivos iniciais propostos tiveram, pontualmente, adaptações, em função dos fatores referidos e da resposta de cada aluno ou grupo de nível.

Ao longo do ano, fui gerindo e procurando melhorar em todas as dimensões pedagógicas (instrução, gestão e clima).

Em relação à instrução, fui evoluindo, melhorando na necessidade de ser sucinto e objetivo, na utilização de palavras-chave e de termos específicos de cada modalidade. Inicialmente, senti algumas dificuldades neste ponto, já que tinha a tendência de me alongar nas informações e daí aumentar o tempo gasto. O à-vontade que sinto para comunicar originava esse alongamento. A definição de objetivos claros foi a forma que encontrei para diminuir a informação a dar e cingir-me aos aspetos fundamentais.

Uma caraterística importante foi o meu tom de voz alto que possibilita a transmissão de informações ou chamadas de atenção para zonas afastadas sem ter de me deslocar.

Como refere Carreiro da Costa (1988) cit. por Petrica (2004) *"professores mais eficazes proporcionavam mais instrução aos seus alunos, ilustrando através de demonstrações o que diziam e, ainda, tendiam a fornecer maior número de feedbacks apropriados, do que a média geral"*. A demonstração era utilizada para os gestos técnicos, principalmente para os grupos de níveis mais elementares, sendo executada por mim ou pelos alunos com bom nível técnico. O complemento com a informação das componentes críticas foi sempre valorizado.

Um fator relevante da dimensão instrução prende-se com a utilização constante, durante a prática dos alunos, do feedback, que, de acordo com Mota (1997), "*é uma reação à prestação motora do aluno e que contribuí para que a eficácia da intervenção pedagógica seja efetiva"*.

O feedback é importante para o professor já que a sua eficácia é *"um ingrediente essencial para uma aprendizagem eficaz da Educação Física"* (Rink, 1985; Pieron, 1980, 1984), ou mesmo *"um elemento-chave do êxito pedagógico"* (Pieron, 1985; Pieron e Cloes, 1989).

Para McGown (1991), é mesmo *"a mais importante variável que determina a aprendizagem, logo a seguir à prática propriamente dita"*.

De acordo com Miyadahira, A. (2001), o feedback tem três funções na aprendizagem motora: é uma fonte de informação para auxiliar o aluno a ajustar a sua resposta; funciona como um reforço quando a tentativa está parcial ou totalmente correta; e permite ao aluno ter a informação da sua progressão em relação ao objetivo estabelecido, logo é um meio de motivação.

É indispensável, porém, ter um conhecimento dos conteúdos técnico-táticos das diferentes matérias a lecionar e a capacidade de sintetizar a informação a prestar, devendo ser ela simples, clara e direta.

O feedback é uma ferramenta essencial para a aprendizagem, já que é através dele que os alunos têm a possibilidade de comparar a sua execução com os objetivos definidos. Onofre (1986), citado por Carlos (1995), considera o feedback como a reação

à prestação do aluno em consonância com os objetivos da aprendizagem, sendo uma variável que utiliza a informação adicional para conceder ao sujeito a oportunidade de se confrontar com a qualidade dos seus desempenhos, no sentido de melhorar o seu nível de prestação e de aproximar dos objetivos da aprendizagem.

Um dos aspetos positivos da minha atuação, ao longo das aulas, foi a capacidade de emitir feedbacks, não deixando de salientar a evolução que tive no sentido de melhorar a clareza, a pertinência e a direção dos mesmos. O estudo das matérias a lecionar, bem como o conhecimento da maioria das componentes críticas, tanto ao nível técnico como tático, permitiu-me um desempenho que ajudou no desenvolvimento e consecução dos objetivos definidos, nas tarefas, para a maioria dos alunos.

Os feedbacks utilizados foram principalmente prescritivos e positivos, individuais ou para pequenos grupos. De referir que, pontualmente, nos jogos desportivos coletivos, forneci feedbacks a toda a turma com o objetivo de melhorar a motivação e as ações táticas globais.

De salientar que a intensidade e especificidade dos feedbacks foram sempre superiores para o grupo de alunos com maiores dificuldades. Sendo uma turma muito heterogénea, os alunos com mais capacidades não necessitaram tanto de correção mas sim de motivação.

Outro fator importante é a gestão da aula, porque a mesma pode ser condicionada pelas condições climatéricas, espaciais, materiais, e pelas caraterísticas da turma e das tarefas propostas.

De referir que a escola da Guia, com as suas boas condições espaciais e materiais, permitiu-me sempre criar uma gestão fácil dos tempos de aula. A colocação prévia do material, a utilização das rotinas estabelecidas e a cooperação dos alunos nas transições definidas foram fundamentais nesta dimensão, para evitar, ao longo do ano letivo, perdas de tempo desnecessárias.

O facto de a turma ser pequena e os grupos de níveis serem, basicamente em todas as matérias, os mesmos, facilitou a organização e, assim, ajudou a diminuir os tempos de espera. De salientar que os grupos e as equipas foram definidos sempre no plano de aula, por forma a serem identificados nos momentos adequados.

Nesta dimensão, fui evoluindo, nalgumas situações, com as informações recolhidas junto das minhas colegas estagiárias e do professor orientador, atingindo um desenvolvimento ao nível dos fatores a ter em consideração para uma boa gestão da aula.

A minha postura, relativamente às estações de trabalho e aos jogos realizados, foi a de me colocar por forma a possibilitar a observação de toda a turma e o controlo total.

Nesse sentido, em relação à dimensão clima/disciplina, é fundamental que seja positiva com base num respeito mútuo, aluno/professor e professor/aluno.

Como já salientei, a idade avançada (12.º ano) e o número reduzido de alunos da turma permitiu um controlo facilitado neste domínio. Após a apresentação das regras e da minha postura como rigorosa perante os alunos, posso afirmar que o clima da aula foi muito positivo, ao longo de todo o ano letivo, não se registando qualquer comportamento desajustado. Apenas refiro a existência pontual de conversa entre alguns elementos da turma, que eu resolvi diplomaticamente.

Considero que nas dimensões pedagógicas acima descritas foi notória uma melhoria de desempenho, ao longo do ano, o que me fez crescer como docente.

2.13 Decisões de ajustamentos

As decisões de ajustamentos são aspetos indispensáveis ao longo da lecionação. O processo de ensino/aprendizagem, apesar de planeado antecipadamente, reveste-se da possibilidade de adaptações e ajustamentos que visam a melhoria do mesmo.

Ao longo do ano letivo, algumas vezes por condições climatéricas adversas para a realização da aula no espaço exterior destinado, outras por dificuldades de execução das tarefas inicialmente propostas, tive a necessidade de ajustar parte ou a totalidade do plano e dos objetivos. No caso dos alunos com mais dificuldades, foi maior o número de ajustamentos realizados em relação aos objetivos delineados, visto estes terem sido, por vezes, demasiado ambiciosos. Como forma de manter a motivação e a obtenção de um melhor desempenho, procurei adaptar, de imediato, as tarefas às capacidades dos alunos. Em relação aos alunos mais avançados, não foi necessário recorrer a estes

ajustamentos, visto os mesmos possuíram uma boa capacidade motora para corresponder às tarefas propostas.

A observação dos erros, das dificuldades evidenciadas pelos alunos e a capacidade de alterar essas situações são fruto do conhecimento eficaz que se vai enraizando no professor com a experiência.

A extensão e sequêncialização de conteúdos foram também ajustados, devido à realização de uma viagem de estudo programada para o segundo período.

No entanto, devo referir que estas decisões foram sendo mais fáceis de tomar com o avançar do ano letivo, devido ao conhecimento mais aprofundado dos alunos e da realidade escolar.

2.14 Estilos de ensino

Os estilos de ensino a que recorri foram principalmente dois, baseados no espetro dos estilos de ensino Muska Mooston (1996).

Os estilos de ensino são o comportamento do professor em função do que quer ensinar, dos alunos e da estrutura de aprendizagem.

Tendo em conta as caraterísticas da turma e dos alunos, fui utilizando o estilo por comando e por tarefas.

Principalmente na fase inicial da aula, o recurso ao estilo comando foi o mais utilizado, como forma de manter o domínio sobre os alunos e de poder realizar um aquecimento mais correto, podendo, assim, fornecer feedbacks personalizados.

Na parte fundamental, por o grupo de alunos ser heterogéneo e por facilitar o controlo de todos, o fornecimento de feedbacks individualizados e uma observação mais fácil dos desempenhos, o estilo por tarefa foi uma constante.

Finalmente, refiro que, durante as atividades propostas, terão sido utilizados, pontualmente, outros estilos de ensino, dado os mesmos não poderem deixar de coexistir.

2.15 Avaliação

Relativamente a este ponto, os critérios de avaliação para cada matéria foram definidos pelo grupo disciplinar no início do ano letivo e transcritos para um documento fornecido aos estagiários.

O grupo disciplinar, com base no mapa de rotações, definiu que a avaliação diagnóstica teria de ser realizada para todas as matérias nas primeiras três semanas de aulas, deixando ao critério de cada professor a sua execução. Nesta fase, ressalvo a entreajuda e concordância entre todos os docentes para a utilização dos espaços conforme as necessidades de cada um.

A avaliação diagnóstica foi realizada com base num protocolo elaborado por mim e baseado num documento oriundo do professor orientador, para todas as matérias.

Essa avaliação foi determinante para o planeamento anual, extensão e sequêncialização de conteúdos e para a deteção dos grupos de nível que me ajudaram a traçar os objetivos a atingir pelos alunos, tendo por base os definidos no Programa Nacional de Educação Física e no documento orientador fornecido pelo grupo disciplinar.

Ao longo da realização das unidades didáticas, fui analisando o desempenho através da avaliação formativa e registando as apreciações num documento próprio por mim elaborado.

Nesse documento, registei o empenho, a participação, o cumprimento de normas, o respeito pelos colegas e o respeito pelo professor. Na reflexão crítica, anotei, algumas vezes, as dificuldades evidenciadas pelos alunos, ao longo das aulas lecionadas, como forma de ajustar os objetivos que se seguiam.

Esta avaliação foi realizada ao longo de todo o processo de ensino/aprendizagem com vista à tomada de decisões e a ajustamentos para regular o desenvolvimento dos alunos.

A avaliação sumativa foi realizada várias vezes ao longo do ano letivo, consequência do estilo de planeamento que idealizei para a turma e da extensão e sequêncialização dos conteúdos.

Conforme refere o Despacho Normativo n.º 6/2010, de 19 de fevereiro *"a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular"*.

A avaliação teve, ao longo dos vários períodos, como fundamento aferir a evolução dos alunos, no sentido de poder aperfeiçoar o processo de ensino – aquando da sua realização a meio da unidade didática (1.ª rotação) – e fornecer uma classificação final – ao finalizar a unidade – como forma de análise do trabalho global desenvolvido pelos alunos, nos três domínios (psicomotor, cognitivo e socio-afetivo).

A avaliação sumativa foi realizada na última aula de cada rotação, já que o planeamento foi multidisciplinar e houve, como referi anteriormente, a passagem duas vezes das matérias a lecionar.

2.16 Componente ético-profissional.

A pautar a minha formação como docente, e principalmente como Homem, é imperativo que esteja, na linha da frente, a componente ético-profissional.

A responsabilidade, a seriedade, a verdade, a justiça, a autonomia e o respeito foram por mim definidos como valores fundamentais no estabelecimento de uma relação correta e honesta com os alunos e restante comunidade escolar.

Ao longo de todo o ano, fui procurando, para com os alunos, ser o mais justo possível, dar a todos as mesmas oportunidades para a obtenção de sucesso e manter uma relação positiva e harmoniosa.

O Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, define o perfil geral de desempenho profissional do Educador de Infância e do Professor dos Ensinos Básico e Secundário e foi com base nele que procurei orientar os meus princípios e valores éticos.

Foi também com base no Decreto-Lei acima referido que pautei o meu desempenho como docente estagiário procurando:

- Promover aprendizagens curriculares, fundamentando a minha prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das ações concretas da mesma prática, social e eticamente situada.
- Assumir-me como um profissional de educação, com a função específica de ensinar, pelo que recorri ao saber próprio da profissão, apoiado na investigação e na reflexão partilhada da prática educativa.
- Exercer a minha atividade numa perspetiva de escola inclusiva, promovendo a diferenciação da aprendizagem.
- Fomentar o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua plena inclusão na sociedade, tendo em conta o caráter complexo e diferenciado das aprendizagens escolares.
- Promover a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural.
- Identificar ponderadamente e respeitar as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas e combatendo processos de exclusão e discriminação.
- Manifestar capacidade relacional e de comunicação, bem como equilíbrio emocional, nas várias circunstâncias da minha atividade e com todos os membros da comunidade educativa.
- Promover o trabalho de equipa e assumi-lo como uma responsabilidade própria e coletiva.
- Assumir a dimensão cívica e formativa das minhas funções, com as inerentes exigências éticas e deontológicas que lhe estão associadas.
- Ser assíduo e pontual em todos os momentos da minha intervenção pedagógica, assumindo uma apresentação e conduta pessoal perante a comunidade educativa.

3. REFLEXÃO

3.1 Aprendizagens realizadas como estagiário

Ao longo deste ano letivo, fui constantemente aprendendo a lidar com situações para as quais apenas a prática nos pode dar respostas e ajudar a resolver. Com base no guião, fui desenvolvendo as atividades propostas, realizando as tarefas de ensino/aprendizagem e mantendo uma atitude ética profissional.

Uma das minhas aprendizagens enquadra-se na relação professor/aluno. A realidade por mim encontrada foi diferente da que estava habituado, no que respeita à faixa etária, e daí ter sentido necessidade de desenvolver uma aproximação com maiores cuidados, dada a possibilidade de reações não esperadas, dificultando, assim, a relação. Dos alunos, procurei saber das suas motivações e conhecimentos, como forma de poder discutir com eles, numa relação mais aberta, as diferentes opções e motivos do planeamento anual.

A necessidade de aumentar o gosto pela Educação Física foi um fator de aproximação de alguns alunos que, inicialmente, não se sentiam motivados para a prática da disciplina, mas que foram melhorando o seu desempenho com a ajuda de intervenções positivas e motivadoras.

Na vertente do ensino, as decisões de ajustamentos foram uma aprendizagem que me permitiram desenvolver uma capacidade fundamental: a de adaptar as tarefas às situações imprevistas com maior facilidade. Refiro-me aos desportos coletivos, em que nos grupos mais elementares, em situações de exercícios mais analíticos, tive de adaptar pontualmente as tarefas para permitir o seu êxito como forma de manter a motivação. Noutras situações, optei por finalizar a tarefa e dinamizar o jogo formal, principalmente no andebol e no futsal.

No terceiro período, tive necessidade de reorganizar planos de aulas completos, pois as condições atmosféricas não permitiam a realização de orientação, no exterior. Foi benéfico para desenvolver a capacidade de improvisação e adaptação.

Trabalhar com grupos heterogéneos foi outro fator de aprendizagem, já que a necessidade de diferenciar as tarefas e analisar o desempenho foi difícil de gerir. Só com muita atenção e concentração, consegui manter bons níveis de consecução. No jogo

formal, as situações táticas foram sendo ultrapassadas com regras e objetivos para grupo de alunos. No caso do futsal, as meninas jogavam sempre na ala ou a pivot. No andebol, a obrigatoriedade de passar a bola por todos antes de finalizar era uma regra utilizada frequentemente, conseguindo dessa forma um bom aperfeiçoamento das ações táticas.

Quanto aos exercícios realizados, foi importante a necessidade de me atualizar com os conteúdos de uma nova realidade e procurar situações motivadoras e inovadoras, para o sucesso do processo de ensino/aprendizagem.

Na reflexão das aulas com o professor orientador e na observação das aulas das minhas colegas, fui retirando ilações e estratégias que podia aplicar ou tentar aplicar nas minhas aulas. No caso dos jogos lúdicos, foi benéfico para a realização de situações adaptadas as matérias que eu estava a lecionar. A resposta dos alunos a essas novidades foi sempre muito positiva e com um desempenho elevado.

As dificuldades iniciais que sentia em relação à instrução foram-se dissipando com as dicas e informações fornecidas pelo professor orientador ao longo do primeiro período. Neste ponto, senti uma evolução na aprendizagem.

3.2 Compromisso com as aprendizagens dos alunos

A aprendizagem do aluno é o objetivo que todo o docente pretende atingir. Nesse sentido, o esforço que o professor desenvolve para a sua obtenção depende de um conjunto de fatores.

Procurei logo de início, através das conclusões da avaliação diagnóstica, criar grupos de níveis para cada modalidade observada, como forma de elaborar objetivos diferenciados com vista à consecução dos mesmos pelos alunos. De referir que os alunos dos diferentes grupos eram quase sempre os mesmos devido às diferenças de capacidades. Na turma, distinguiam-se dois grupos.

Após esta análise, procurei ajudar todos os alunos com justeza por forma a todos atingirem os objetivos delineados para cada um. As intervenções com feedbacks, motivadores e positivos, constantes foram uma das formas de cativar os alunos para um empenhamento motor estável.

Nas situações de jogo reduzido no voleibol, optei, inúmeras vezes, por misturar os alunos, com o objetivo de aumentar as situações de sustentação da bola e originar uma motivação diferente para os alunos com maiores dificuldades, não descurando, no entanto, a manutenção dos níveis de motivação para os outros alunos, mostrando-lhes o efeito positivo do seu empenho.

Individualmente ou coletivamente, todo o planeamento das aulas visou sempre: promover as aprendizagens, definir estratégias diferenciadas para o aluno ou grupo e promover o envolvimento ativo dos alunos.

3.3 Inovação nas práticas pedagógicas

Apesar da vontade e do esforço em promover situações inovadoras para as aprendizagens dos alunos, foi complicado obter informações e criar ideias, visto os objetivos dos conteúdos das matérias a serem lecionados não o facilitarem.

Para a turma de 12.º ano, as matérias tinham o nível avançado como objetivo final, apesar de nalgumas situações ter adaptado esse nível para um patamar mais baixo.

Nos jogos desportivos coletivos, o jogo formal era a base do planeamento. No badmínton, era o jogo de singular e de pares; no atletismo, era a realização completa do lançamento, do triplo-salto e da corrida de estafetas; na ginástica acrobática, a coreografia com três elementos.

Apesar de ter planeado as atividades da sua forma mais simples para as mais complexas, as situações propostas não foram fáceis de inovar.

No entanto, não deixei de criar situações, o mais motivadoras possível, nalguns exercícios analíticos que planeei e com adaptações às regras de jogo, tendo em vista elevar a motivação e empenhamento dos alunos.

Apesar das dificuldades referidas, com a necessidade de pesquisa de situações inovadoras, foi positivo ter agrupado um conjunto de situações novas para adaptar a outros anos e ciclos.

3.4 Dificuldades sentidas e formas de resolução

Sendo professor noutra escola, com horário completo, o primeiro problema foi resolver a compatibilidade de horários para poder cumprir com as exigências do estágio pedagógico. Depois de conhecer o horário que me estava destinado no estágio e de ter conversado com o diretor da escola onde leciono, este conseguiu adaptar o meu horário para me possibilitar a realização do estágio, sem grandes dificuldades.

Ao tomar conhecimento do número de alunos da turma (doze), outras inquietações surgiram: Que tipo de planificação utilizar? Como ajustar as matérias ao longo do ano para manter um nível motivacional positivo?

Após uma longa reflexão e uma conversa com o professor orientador, analisei os prós e os contras e decidi por uma planificação pluridisciplinar, ajustando as matérias que podia lecionar ao mesmo tempo, com o mapa de rotação e a funcionalidade dos espaços.

Ao nível dos planos de aula, senti que, como refere Bento (2003) *"era determinante na regulação de processos de formação e educação, nomeadamente na orientação do processo de aprendizagem, na apropriação de conhecimentos e habilidades, na formação e desenvolvimento de capacidade, na ativação de comportamento de aprendizagem e na formação consciente e racional dos traços característicos da personalidade".* A definição clara de objetivos e das componentes críticas foi uma dificuldade com que me deparei nos primeiros planos de aulas, já que me alongava em demasia. Após várias intervenções do professor orientador, consegui sintetizar e tornar clara a informação fundamental, independentemente dos grupos de nível terem objetivos diferenciados.

Inicialmente, senti algumas dificuldades em idealizar as tarefas para os alunos dos diferentes grupos, tendo em conta os objetivos propostos. Tive de realizar um trabalho de pesquisa ao nível da literatura específica das matérias para poder superar este desafio. Com o avanço do tempo consegui melhorar a planificação dessas tarefas.

Ao nível da instrução dos feedbacks, apesar de emitir muitos, nem sempre acompanhava a resposta do aluno, o que originava um desconhecimento da minha parte da sua interiorização da informação. Com as observações das minhas colegas e das reflexões de aula, consegui rapidamente corrigir esse erro. Consegui ao longo do tempo

fechar sempre o ciclo do feedback, como por exemplo: no serviço do voleibol, consegui que, na segunda rotação, os alunos com mais dificuldades corrigissem as falhas que levavam a uma execução incorreta.

Ao nível da avaliação, senti algumas dificuldades na observação direta e na transcrição para o papel do valor que considerava justo no momento, porque a maioria das avaliações foram em situação de jogo ou na análise de uma coreografia de trios. Como refere Carvalho (1994), *"duas pessoas a olhar, olham, inevitavelmente, de maneira diferente. A subjetividade está inerente ao processo avaliativo na disciplina de Educação Física, no entanto, devemos ser o mais rigorosos possível nessa mesma observação e com todos os alunos."* Nas avaliações do primeiro período, a avaliação formativa também me permitiu eliminar algumas dúvidas que tinha em relação ao desempenho de alguns alunos.

No entanto, a motivação extra demonstrada pelos alunos durante a avaliação foi um fator facilitador na análise dos desempenhos. Também o simplificar de algumas grelhas de registo, com informação mais sucinta e clara, facilitou o registo, principalmente, no segundo e terceiro períodos.

3.5 Dificuldades a resolver no futuro

Na lecionação da disciplina de Educação Física, o docente depara-se com a necessidade de ter um conhecimento científico de várias matérias ao longo do ano, cada uma com as suas especificidades. Como se isso não bastasse, as modalidades estão em constante alteração, tanto ao nível das regras como das situações técnico-táticas. Logo, também é fundamental o professor procurar aprender e melhorar com a reciclagem constante dos seus conhecimentos, adaptando-se às novas realidades. Foi com esse intuito que procurei documentar-me o mais possível para corresponder num bom nível de resposta às solicitações e criando progressões pedagógicas inovadoras e motivadoras para os alunos.

A educação do aluno na escola não se cinge, hoje em dia, à prática física nas aulas, mas passa também por saber responder às suas necessidades do dia a dia, procurar ajudar nos seus problemas e nas suas lutas, próprios do seu crescimento. O docente deve ser além de professor, um educador que não descura a vertente pessoal e humana. Para

mim, algumas vezes, foi difícil conversar com os alunos para tentar entender alguns dos seus comportamentos. A minha aproximação foi lenta, mas acabei por conseguir um bom relacionamento de professor/educador com todos os alunos.

A análise dos comportamentos de alunos de diferentes faixas etárias é complicada e reveste-se de uma reflexão constante.

3.6 Capacidades de iniciativa e responsabilidade

A iniciativa e a responsabilidade são duas das qualidades que um docente, obrigatoriamente, deve ter.

Apesar da minha situação profissional, entendo que correspondi com responsabilidade a todas as tarefas necessárias e definidas para a realização do estágio pedagógico, tanto a nível individual como a nível do núcleo.

Quando foi preciso tomar a iniciativa e debater ideias, fi-lo com o objetivo de resolver os problemas com que me deparei ou melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Nas reuniões com as minhas colegas e com o professor orientador, partilhei as minhas ideias e opiniões, ouvindo e aceitando, com respeito, as suas.

Ao longo do ano, com ética profissional, responsabilidade e respeito fui resolvendo as situações inesperadas que iam surgindo, sem qualquer tipo de postura ambígua, tomando-as sempre frontalmente.

Esta minha postura foi tida para com toda comunidade escolar.

Devo salientar que a assiduidade e a pontualidade foram outros aspetos que não descurei ao longo do estágio. Sempre que tive alguma situação difícil de resolver, devido à minha situação profissional, o professor orientador, com compreensão, ajudou-me a ultrapassá-la.

Finalmente, posso afirmar que com responsabilidade cumpri todas as obrigações que me competiam.

3.7 Importância do trabalho individual e de grupo

O rigoroso trabalho individual e a unidade no grupo do núcleo foram aspetos fulcrais para uma boa realização do estágio.

Ao nível do trabalho de grupo, este foi sempre realizado com grande entreajuda dos seus elementos. Houve sempre um bom entendimento e respeito mútuo, mesmo nos momentos em que as opiniões eram divergentes. Desta forma, o grupo conseguiu o consenso em todas as matérias que teve de debater, sendo notória a harmonia e a humildade de todos, tendo em vista a concretização dos objetivos.

Além do referido anteriormente, a troca de material, a partilha de ideias e o diálogo constante, foram fatores determinantes para o sucesso do trabalho de grupo.

Devo salientar que o núcleo de estágio foi um grupo unido na concretização das tarefas que os seus elementos tinham de realizar em comum.

Ao nível do trabalho individual, este foi mais exaustivo, porque foi necessário elaborar muitos documentos sozinho, dado a minha turma ser do 12.º ano e as das minhas colegas serem turmas do 9.º ano. Com maior ou menor dificuldade ultrapassei todas essas vicissitudes com muito trabalho e empenho. O planeamento diário foi moroso e difícil, devido às minhas obrigações profissionais, mas com uma organização rigorosa foi possível ultrapassar esse obstáculo. Também procurei melhorar os aspetos menos positivos por forma a equilibrar o meu desempenho em todas as vertentes observáveis e necessárias para o desenvolvimento de um estágio conseguido.

A união do grupo e o trabalho individual foram uma mais-valia para a consecução dos objetivos do estágio pedagógico.

3.8 Questões dilemáticas

No início do ano letivo, aquando da primeira reunião, em que tive conhecimento da turma e ano que iria lecionar, fiquei apreensivo, pois não esperava que me fosse atribuída uma turma com um número reduzido de alunos, o que teria impacto na planificação anual e, mais tarde, nas progressões pedagógicas das unidades didáticas.

A perplexidade foi imediata. Apesar da autonomia, que me confiada pelo professor orientador, só com uma profunda reflexão e um debate de ideias com o restante núcleo, acabei por avançar confiante na melhor solução para o problema: planificação multidisciplinar.

Outro dilema foram as matérias a lecionar durante o ano. Definidas pelo grupo disciplinar, era necessário planificá-las em função do número de alunos e do mapa de rotações. Foi difícil chegar a uma sequência lógica, mas com a análise dos prós e dos contras, não esquecendo os fatores relacionados com a motivação dos alunos e a preocupação em ter tempos de empenhamento motor elevados, solucionei o dilema inicial.

Após a avaliação diagnóstica realizada para todas as matérias no início do ano, verifiquei uma diferença substancial entre os alunos no que respeita às respostas motoras dessas avaliações. Dois grupos de nível diferentes em quase todas as matérias e praticamente sempre os mesmos alunos a refletirem dificuldades. Nesta situação, analisei os objetivos finais elaborados pelo grupo disciplinar e decidi, para cada grupo de nível, elaborar objetivos específicos que teriam de atingir no final das unidades didáticas.

Os alunos revelaram na sua grande maioria gosto e apetência pela prática da disciplina de Educação Física. Porém, ao longo do ano, outra dificuldade que tive de enfrentar foi o facto de uma aluna que, para além das suas dificuldades técnicas e físicas, não sentia motivação para a prática desportiva. Ao longo das aulas fui-a encorajando com muito reforço positivo e com conversas sobre as necessidades e proveitos da atividade física. Foi difícil, mas as estratégias que adotei levaram a aluna a atingir os objetivos e a subir o seu patamar de desempenho.

3.9 Experiência formal e profissional do ano de estágio

A realização do estágio foi uma etapa importante para a minha evolução como docente.

A prática que já tinha, pois realizara o estágio do 2.º ciclo há alguns anos, foi importante para a análise, a reflexão e a execução de alguns “transfers” para a prática dos alunos. Como Piéron (1996) refere, *“a revisão dos estudos deixa transparecer um*

número importante de questões sobre a possibilidade de "transfer" de situações de treino para a prática quotidiana, de "transfer" de uma matéria de ensino a outra, da influência de experiências pedagógicas e desportivas anteriores e da duração ótima para obter um resultado persistente e aceitável".

O professor orientador teve um papel importante. Sem dúvida, foi uma mais-valia no acompanhamento da minha evolução, já que as suas reflexões aos meus desempenhos com críticas construtivas foram fundamentais para manter o nível de motivação para aprender e desenvolver um trabalho para a consecução dos objetivos deste estágio. *"Na formação Pedagógica, como no exercício da função de professor, a prática é bastante abundante. Todavia, ela tem lugar sem grande informação objetiva acerca da sua qualidade. Na prática pedagógica quotidiana, são raros os feedbacks objetivos que o professor recebe (...)"* refere Piéron (1996).

Com a necessidade de investimento na procura de tarefas motivadores para a prática, evoluí na forma de pesquisar, analisar e materializar os diferentes materiais obtidos para um planeamento sustentado, que me servirá no futuro para melhorar todas as situações a propor e executar na minha vida profissional.

Finalizando, este ano de estágio foi bastante enriquecedor e proveitoso para complementar a formação inicial, bem como para adquirir novos métodos de trabalho para a continuação da atividade docente.

4. TEMA – A DEMONSTRAÇÃO

4.1 Enquadramento teórico

O professor tem na aprendizagem do aluno a sua grande meta motivacional na preparação das tarefas de ensino, visando um aproveitamento eficaz do processo ensino/aprendizagem. Segundo Siedentop (1998), *"o marco geral do ensino ativo compreende inicialmente demonstrações e explicações do ensino".* Com uma organização eficiente do tempo gasto na preleção e na demonstração - situações de gestão – podemos originar o aumento do *"tempo de empenhamento motor"* (Sarmento 2004) do aluno.

Siedentop (1998) e Piéron (1980) indicam que os professores dedicam um terço do tempo de aula na preleção e na demonstração.

No seguimento da apresentação das tarefas é importante a utilização de modelos (demonstração) para o aluno compreender melhor a mensagem da tarefa a realizar.

Como refere Sarmento (2004), *"a demonstração oferece ao professor a possibilidade de transmitir inicialmente uma perceção e visão das tarefas que os alunos terão de realizar no momento em que iniciarem o seu tempo de empenhamento nas mesmas"*.

O uso habitual da demonstração visa proporcionar aos alunos uma identificação prévia com os gestos ou habilidades motoras. Logo, se o professor se cingir a uma explicação teórica sem demonstração, a aprendizagem não terá a componente visual, originando um trabalho redobrado na correção dos mesmos pelo professor. Segundo Knapp (1980), *"a demonstração apresenta uma primeira intenção de obter, por parte do praticante, uma ideia clara da globalidade da tarefa a aprender"*.

"De qualquer forma, não nos podemos esquecer, que a idade e a prática efetiva do gesto desportivo, intervêm nos processos de memorização…" (Sarmento, 2004), portanto o professor terá um papel preparatório importante na construção das demonstrações das tarefas a executar na aula, já que sendo de anos diferentes, será pertinente adaptar a demonstração à idade e as habilidades apresentadas após a avaliação diagnóstica dos alunos.

A elaboração dos tipos e formas de demonstração a usar são fundamentais, bem como a necessidade, após a tomada de conhecimento visual e feedback dos "pontos-chave", de haver um bom desempenho repetitivo da habilidade pelos alunos.

A visualização da habilidade não será suficiente para uma aprendizagem correta.

Alguns fatores, segundo Christina e Corcos (1998) citado por Sarmento (2004), são *"influenciadores para a aprendizagem e aquisição do modelo: a atenção, a retenção, a reprodução e a motivação"*.

Segundo Sarmento (2004) *"a demonstração serve fundamentalmente para o aluno repetir a informação que recebeu do demonstrador de forma a memorizar e conservar essa informação"*.

Num estudo, Rink (1983), durante um ciclo de 15 sessões de voleibol, identificou não haver grandes modificações ao nível da informação dos conteúdos aplicados.

No estudo de Anderson e Barrette (1978) citado por Piéron (1999), os autores constatam que as técnicas de demonstração eram pouco utilizadas. No entanto, Piéron obteve uns resultados bastante diferentes já que a demonstração era utilizada em 50% dos casos no acompanhamento da preleção.

Já Rink (1983), citado por Piéron (1999), refere que a utilização do modelo depende da introdução de novas matérias ou técnicas e que as demonstrações são mais frequentes durante as primeiras sessões da unidade.

A capacidade de observação dos alunos pode originar a possibilidade da demonstração ser idêntica, independentemente dos ciclos.

"A demonstração pode ser utilizada com objetivos diferenciados no início, durante ou no fim da sessão" Sarmento (2004).

Como elemento para a demonstração, podemos utilizar para a sua realização o professor (no caso de ser eficiente), diferentes elementos do grupo (dando preferência aos alunos com o melhor recurso técnico), filmes ou vídeos. Cada situação terá as suas vantagens e desvantagens, mas, segundo Meinel (1971), *"as demonstrações devem basear-se nos sinais cinestésicos, mormente nas componentes críticas"*.

As técnicas de demonstração utilizadas pelo professor, na elaboração das aulas, permitem uma eficácia na aprendizagem dos gestos pelos alunos.

Estes fatores devem estar na base do pensamento do professor no momento em que prepara a demonstração, de forma a poder obter um bom desempenho e uma boa participação do aluno.

4.2 Utilização em contexto da aula

A demonstração é uma técnica pedagógica que permite aos alunos uma visão das componentes críticas fundamentais na realização de determinada ação técnica, como acima referido.

Na turma de estágio em que lecionei as diferentes matérias, fui utilizando a demonstração em muitas situações de exercitação das ações técnicas específicas das modalidades.

Com base na avaliação diagnóstica, criei os grupos de nível e verifiquei as lacunas técnicas dos alunos. Na organização das tarefas, principalmente das situações analíticas programadas, foi fundamental o uso da demonstração como suporte da informação verbal para o grupo de nível mais elementar.

Devo salientar que nos jogos desportivos coletivos, no atletismo e no badmínton, a demonstração foi relevante para todos os grupos, mas como já referi com maior dedicação aos alunos com mais dificuldades.

A utilização dos alunos mais fortes em determinada modalidade foi muitas vezes a forma de demonstrar as execuções corretas aos colegas, com o objetivo de motivar as execuções seguintes na tentativa de aperfeiçoamento dos gestos pretendidos e consecução dos objetivos propostos.

Nas situações em que os alunos realizavam tarefas diferenciadas, que aconteceu inúmeras vezes, realizei a demonstração com um dos alunos do grupo em questão, tentando com feedbacks pertinentes que a mesma fosse um êxito.

A demonstração foi pertinente sempre que utilizada, porque observei sempre uma melhoria do desempenho nas atividades propostas.

Com o avançar do ano e com base nos objetivos finais, que para as modalidades coletivas eram o jogo formal, diminuí as demonstrações, porque as mesmas não eram determinantes devido ao conhecimento das tarefas técnico-táticas assimiladas nas primeiras aulas.

Ao nível do tempo gasto durante as aulas, em caso de utilização, raramente foi ultrapassado o necessário. No entanto, posso referir que nas ações mais complexas, tive

de realizar a demonstração mais que uma vez e em casos pontuais parar a tarefa e demonstrar tudo novamente. Esta situação aconteceu na maioria das vezes com o grupo de nível mais elementar.

4.3 Reflexão da sua pertinência

É importante, após a instrução das tarefas, demonstrar, pois verifiquei que em algumas situações não tendo utilizado a demonstração, as tarefas não foram realizadas conforme o explicado verbalmente.

Independentemente dos grupos de nível, é fundamental complementar sempre a informação inicial com uma demonstração nas situações de exercícios mais analíticos.

O tempo de utilização da demonstração devem ser o mais curto possível e as repetições muito reduzidas, por forma a possibilitar o aumento dos tempos de empenhamento motor dos alunos. Logo a demonstração deve ser planeada e executada para a observação de elementos-chave nas execuções, sem perdas de tempo desnecessárias que terão repercussões na dinâmica da aula.

A pertinência da demonstração só é efetiva quando realizada pelo professor ou aluno que domine claramente as ações propostas. Este facto é relevante para uma boa interiorização e memorização dos alunos observadores.

5. CONCLUSÃO

No final deste longo e trabalhoso ano de estágio, posso afirmar que esta formação foi fundamental para aperfeiçoar os conhecimentos e métodos de ensino da Educação Física. Apesar da minha experiência de ensino no 2.º ciclo, foi gratificante concluir que todo o esforço despendido para o desenvolvimento pessoal e desportivo dos alunos foi real e efetivo.

A mudança constante dos regulamentos das modalidades e das respetivas situações de jogo, bem como as diferentes faixas etárias encontradas nas escolas tornam claro que o professor deve promover uma atualização constante dos seus conhecimentos através de uma formação contínua. Nesse sentido, este estágio permitiu melhorar o meu desempenho em praticamente todas as vertentes do ensino-aprendizagem e das dimensões pedagógicas.

A atitude ético-profissional foi uma das minhas preocupações desde o início, apesar das dificuldades inerentes à minha vida profissional. E foi com base nela que consegui ultrapassar todos os obstáculos com que me deparei.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M. (2008). Teses, relatórios e trabalhos escolares – Sugestão para a estruturação da escrita. Lisboa: Universidade Católica Editora.

BAÑUELOS, F. (1992). Bases para una didática de la educación física y el deporte. Gymnos Editorial. Madrid

BENTO, J. O. (1998): Planeamento e Avaliação em Educação Física. Livros Horizonte. Lisboa

CAETANO, A. e SILVA, M. (2009). Ética Profissional e formação de professores. Sísifo. Revista de Ciências da Educação. Nº 8. Jan/Abr.

CARDOSO, A. P., As atitudes dos professores e a inovação pedagógica, Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXVI, nº1, 1992, 85- 99.

CARREIRO DA COSTA, F. (1995). O sucesso pedagógico em Educação Física – Estudo das condições e fatores de Ensino-Aprendizagem Associados ao êxito numa unidade de ensino. Cruz Quebrada. Edições FMH.

CARROLL, B. (1994). Assessment in Physical Education: A Teacher's Guide to the Issues. Falmer Press. London

CARVALHO, L.(1994) Avaliação das aprendizagens em Educação Física. Boletim SPEF nº 11. Lisboa

COELHO. O (1988). Pedagogia do Desporto. Livros Horizonte. Lisboa

Documentos de apoio à disciplina de Didática da Educação Física, da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (2009/2010).

Documentos de apoio à disciplina de Investigação Educacional, da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (2009/2010).

FREITAS, F. (2011). Análise da gestão do tempo de aula relativo a dimensão instrução – a preleção e a demonstração nas aulas de voleibol no 2.º ciclo de escolaridade. Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário. FCDEF-UC.

FONT, C. (2007). Estratégias de Ensino e Aprendizagem. Coleção Prática Pedagógica. Porto: Edições ASA.

GODINHO, M. (2002) Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e aplicações. Edições FMH. Lisboa

MCGOWN, C. (1991). O ensino da técnica desportiva. *Treino Desportivo,* 22 (II), p. 15 – 22.

MOSSTON, M. Revista Horizonte, vol II, nº1, 1985, 23- 32.

NOBRE, P. (2006). Contributos da avaliação para o processo de construção e desenvolvimento do projeto curricular de escola. Tese de mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.41

NOBRE, P. (2008) Documentos de Apoio da unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física. FCDEF. Coimbra

PARREIRAL, S. (2005) Contextos Familiares e Sucessos Educativos in Atas VIII Congreso GalaicoPortugués de Psicopedagoxia. Universidade da Coruña. España.

PERRENOUD, P. (1992) Não mexam na minha Avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica. In Estrela, Albano e Nóvoa, António, Avaliação em Educação: Novas perspetivas. Educa. Lisboa

PIÉRON, M. (1996). Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica. Edições FMH. Lisboa

PIÉRON, M (1999). Para uma ensenãnza eficaz de las atividades físico-desportivas. Barcelona: INDE

PROENÇA, J. (1982). A Observação e intervenção do professor. Ludens. Vol 7, nº 1,

Out/Dez.

RIBEIRO, L. (1999). Avaliação da Aprendizagem. Texto Editora. Lisboa

ROSADO, A. e COLAÇO, C. (Org.s) (2002). Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das atividades físicas. Omniserviços. Lisboa

SARMENTO, P. (1992). Estudos de pedagogia do desporto-1. FMH – serviço de edições, p. 18 – 26.

SARMENTO, P. (2004). *Pedagogia do desporto e observação*. Cruz Quebrada: Edições FMH.

SIEDENTOP, D. (1998). Aprender a enseñar la Educación Fisica. Barcelona: Inde Publicaciones.

SILVA, M. L. (1994). A profissão docente. Ética e deontologia profissional. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

SOBRAL, F. (1988). Introdução à Educação Física. Livros horizonte. Lisboa.